



SUMÁRIO

32770 - TRABALHO E LITERATURA: A CONDIÇÃO DOS TRABALHADORES EM TEXTOS NACIONAIS (1887-1936)	
Mariana Mafinski Carvalho ¹ , Rafael Rodrigo Mueller ²	2
34680 - O SIGNO DO SILÊNCIO: UMA LEITURA HEIDEGGERIANA DO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”, DE GUIMARÃES ROSA	
Samuel Cardoso, André Cechinel ¹	3

Resumo de Pesquisa (Concluído)

32770 - TRABALHO E LITERATURA: A CONDIÇÃO DOS TRABALHADORES EM TEXTOS NACIONAIS (1887-1936)

Mariana Mafinski Carvalho¹, Rafael Rodrigo Mueller²

1 Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

2 Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

Este estudo é vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), que está ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Consideramos que a literatura é um dos modos de retratar a sociedade real. Assim, existem pontos de encontro entre a forma como o trabalho e a condição do trabalhador eram retratados na obra literária e o que decorria na sociedade nos períodos aos quais os textos estudados se referem. Ao sustentar a tese de existência de alguma relação entre a Literatura e a Sociedade, surge a relevância deste estudo, para se analisar quais as condições dos trabalhadores entre o período de 1887 a 1936. O principal objetivo de nossa pesquisa é analisar quais as condições de trabalho e do trabalhador a partir dos textos presentes na obra *Vozes da ficção: narrativas do mundo do trabalho* (2015), comparando-os, inclusive cronologicamente. A obra é uma antologia composta por textos de Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, Euclides da Cunha, Coelho Neto, Afonso Arinos, Hugo de Carvalho Ramos, Simões Lopes Neto, Valdomiro Vieira, Inglês de Souza, Alberto Rangel, Manuel de Oliveira Paiva e Aluísio Azevedo. Os textos nela apresentados descrevem narrativas sempre relacionadas ao mundo do trabalho ou ao próprio homem visto como trabalhador (ora sendo forçado a sair desse meio). Adotamos como base metodológica a pesquisa teórica, efetivando-a, primeiramente, através da análise dos períodos literários presentes nos textos. Em seguida, pesquisamos teóricos que discorrem sobre a relação entre Literatura e Sociedade, como Antonio Candido. Por fim, ocorreu a leitura e comparação dos textos literários nacionais presentes no objeto de estudo. Com a análise, percebeu-se que o modo como os trabalhadores eram apresentados, tal como suas condições, variavam conforme o período literário ao qual cada texto pertence. Isto é, nos textos realistas, vimos descrições que buscavam denunciar a situação de exploração na qual viviam os trabalhadores, dando grande foco à escravidão. Como outro exemplo, os contos naturalistas analisados, além das denúncias já expostas, criavam outro tipo de relação com sua escola literária, a animalização do homem. Dessa forma, nossos objetivos foram alcançados, visto que as análises corroboraram a ideia da existência de uma relação entre os acontecimentos históricos e a narração dos mesmos através da literatura.

Palavras-chave: Vozes da ficção: narrativas do mundo do trabalho, Antonio Candido, Literatura e Sociedade, períodos literários.

Fonte financiadora: UNESC, CNPq, PIBIC.

Resumo de Pesquisa (Concluído)

34680 - O SIGNO DO SILÊNCIO: UMA LEITURA HEIDEGGERIANA DO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”, DE GUIMARÃES ROSA

Samuel Cardoso, André Cechinel¹

¹Grupo de pesquisa Littera, Curso de Letras, Mestrado em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

O conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, narra a história de um homem que abandona sua família para viver dentro de uma pequenina canoa, no meio de um grande rio, sem partir ou retornar para casa, durante muitos anos. Uma história sobre amor, culpa e sobre a fugacidade da vida humana. A narrativa parece ilustrar, por meio de uma história extremamente familiar, os grandes dilemas da existência humana: vida e morte são seus principais temas. Assumido o caráter alegórico do conto, permanece ainda a pergunta: que tipo de realidade simbólica Guimarães Rosa constrói em seu conto? A fim de alcançar uma maior compreensão da obra, o presente trabalho se propõe a analisá-la com base em alguns conceitos importantes do filósofo alemão Martin Heidegger. Para melhor analisar a história, a pesquisa se divide em três seções. Em cada uma delas, os principais elementos do conto de Guimarães Rosa serão analisados a partir dos conceitos heideggerianos com os quais parecem dialogar. Na primeira seção, o trabalho analisa o signo da horizontalidade (um dos mais chamativos do conto), associando-o ao conceito heideggeriano de “ser-no-mundo”. Para Heidegger, o homem pode ser compreendido como um ser lançado no mundo, um ser que, desde sempre, existe no mundo e para o mundo. Essa mesma facticidade transparece também em “A terceira margem do rio”. Vários são, no conto, os elementos e os signos que representam essa característica tão peculiar da existência humana. O maior desses signos, no entanto, pode ser apontado na horizontalidade da paisagem e do próprio rio, horizontalidade que surge como a representação da força e do poder de uma natureza absurdamente bela, mas extremamente indiferente, uma natureza que a tudo absorve e a tudo consome. Na segunda seção, o trabalho analisa a questão da finitude, o ser-para-a-morte da filosofia heideggeriana, representado no conto de Guimarães Rosa pelo fluir das águas. O tempo, na história de Guimarães Rosa, dissolve seus personagens. O fluir do rio se transforma em signo. Na terceira e última seção, o trabalho se concentra no signo do silêncio, associando-o, no conto de Guimarães Rosa, ao horizonte existencial e derradeiro da filosofia heideggeriana, que pode ser identificado como um não mais ser. O silêncio, no conto de Guimarães Rosa, parece representar o fim de todo o querer dizer. Como um ser de linguagem, o homem só se cala realmente quando deixa de ser e retorna a seu estado pré-original de não-ser. A solidão do ser, iconizada pela imagem do homem na canoa em meio ao grande e silencioso rio, pode ser entendida não apenas como uma metáfora para a morte mas também como uma metáfora da própria existência humana. Já a culpa e a angústia, que corroem o filho no conto de Guimarães Rosa, podem ser entendidas, por meio de uma análise heideggeriana, não apenas como sentimentos ônticos, mas também como sentimentos ontológicos, enraizados na própria essência humana.

Palavras-chave: horizontalidade, facticidade, tempo, silêncio

Fonte financiadora: PIBIC/CNPQ.